

## Vogais silenciosas?\*

FERNANDO LEITE  
(Universidade de Lisboa)

O português, e especialmente a sua variante europeia, é uma língua que apresenta grupos consonânticos reconhecidamente extensos. Estes grupos consonânticos advêm da queda sistemática das vogais átonas. Na língua portuguesa podemos encontrar grupos consonânticos que podem atingir, a nível fonético, até pelo menos cinco consoantes, como admitem, por exemplo, Mateus e Andrade (96). Mas essa queda das vogais não pode acontecer devido ao acaso. Haverá, sem dúvida, uma razão para que isso aconteça.

Penso que a razão pela qual as vogais do português caem com tanta facilidade poderá estar associada às características dos segmentos consonânticos que lhes estão adjacentes.

Uma das evidências que poderá confirmar esta hipótese é, provavelmente, a audição, por parte dos falantes da língua, dessas mesmas vogais, mesmo quando não há qualquer evidência da sua produção, ou seja, quando são silenciosas.

Para testar essa hipótese — a da audição, por parte do falante comum, de vogais não produzidas — realizei um teste de controlo auditivo com um *corpus* constituído por 17 palavras, retiradas da produção de seis informantes de Lisboa, produzidas em discurso solicitado.

Para o teste, foram seleccionadas, após uma análise acústica, palavras com grupos consonânticos que, a nível fonético, apresentavam, para além de uma oclusiva ou fricativa, uma consoante soante. Apenas foram utilizadas as palavras que não ofereciam qualquer dúvida quanto à inexistência da vogal que fonologicamente estaria presente.

Ao grupo de palavras a testar foi acrescentado ainda um outro grupo, escolhido aleatoriamente, de 23 palavras produzidas isoladamente, pelos mesmos informantes.

---

\* Trabalho realizado no âmbito do programa PRAXIS XXI.

O teste de controlo auditivo foi realizado com 12 informantes, que não apresentavam qualquer patologia auditiva diagnosticada, cuja língua materna é o português, e divididas em três grupos distintos: quatro mestres em Linguística, cuja área de investigação é a fonética e/ou a fonologia; quatro licenciadas em Linguística; e quatro licenciadas sem conhecimentos de linguística, pelo menos adquiridos no ensino superior.

As informantes foram-lhes dadas a ouvir as 40 palavras que constituíam o teste tantas vezes quantas as que consideraram necessárias, num mínimo de três.

Inicialmente foi-lhes pedido que efectuassem a transcrição das palavras ouvidas. No caso das linguistas, transcrição fonética, e no caso das informantes sem conhecimentos de linguística, transcrição ortográfica. Note-se que a estas últimas, foi-lhes pedido que apenas transcrevessem o que ouviam, mesmo que considerassem a palavra ortograficamente incorrecta.

Após a transcrição, efectuaram a divisão silábica, tendo em conta as palavras ouvidas.

Quadro I - Audição de vogais<sup>1</sup>

	Grupo I <sup>2</sup>				Grupo II <sup>3</sup>				Grupo III <sup>4</sup>				Total			
1 - [prjēs'e]	N	N	N	N	0	N	N	N	N	0	N	N	N	N	0	0
2 - [plitike]	N	-	?	N	1	N	S	N	N	1	S	S	N	S	3	5
3 - [prtugal]	N	>	?	?	3	?	S	S	S	4	S	S	S	S	4	11
4 - [ewtmaβel]	N	S	-	?	1	N	S	N	S	2	S	S	S	S	4	7
5 - [plitike]	?	N	?	S	3	?	S	S	S	4	S	S	N	S	3	10
6 - [prsizemēt]	S	N	N	N	1	N	S	S	S	3	S	S	N	S	3	7
7 - [smeneʃ]	N	N	S	N	1	N	N	?	N	1	<	S	N	N	2	4
8 - [iknōmike]	N	N	N	N	0	N	N	N	N	0	S	S	N	S	3	3
9 - [prblemeʃ]	S	-	S	-	2	N	S	-S	S	3	S	S	S	S	4	9
10 - [elnar]	S	S	*	N	3	S	N	S	S	3	S	S	N	S	3	9
11 - [lōdrʃ]	N	N	N	N	0	N	N	N	N	0	S	S	S	N	3	3
12 - [itrsēt]	N	N	N	N	0/2	N	N	N	N	0/1	N	N	N	N	0/4	0/7
13 - [knes <sup>u</sup> ]	N	?	?	N	2	N	S	S	N	2	S	S	S	S	4	8
14 - [smalje]	N	N	N	N	0	N	N	N	N	0	-	S	N	S	2	2
15 - [idpēdētmet]	N	N	N	-	0	N	N	N	N	0	S	S	N	S	3	3
16 - [itrvēsōʃʃ]	S	S	N	N	2	N	N	N	>	1	S	S	>	>	4	7
17 - [kōsidresēw]	N	N	N	N	0	N	N	N	N	0	N	S	N	S	2	2
%	30	30	35	15	26	15	35	35	40	30	70	80	35	70	59	40

O objectivo do teste foi, por um lado, verificar se o falante comum ouve as vogais mesmo não sendo produzidas e, por outro, verificar se as informantes cuja área de investigação é a fonética e/ou fonologia fazem uma associação directa entre o número de vogais e o número de sílabas. O outro grupo, que funcionou como grupo de controlo, foi utilizado para verificar até que ponto os conhecimentos em linguística poderiam influenciar a percepção dos sons.

Os resultados do teste são os que se apresentam nos Quadro I, no que diz respeito ao número de vogais, e Quadro II, no que diz respeito ao número de sílabas identificadas.

Observando os valores obtidos, apresentados no Quadro I, verifica-se que mesmo as linguistas, com grau de mestre (Grupo I), que têm um ouvido mais

Quadro II - Identificação do número de sílabas e relação entre o número de sílabas e o número de vogais<sup>5</sup>

	Grupo I				Grupo II				Grupo III			
1 - [ʃprjēs(ə)]	4	3	1	3	2	3	4	3	4	3	2	4
2 - [plitikə]	3	-	3	3	3	4	3	3	4	4	3	4
3 - [prtugal]	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
4 - [ewtmoβel]	3	4	-	4	3	4	3	4	4	4	4	4
5 - [plitikə]	4	3	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4
6 - [prszemēt]	4	4	3	3	3	5	5	4	5	4	4	5
7 - [ʃmeneʃ]	2	2	3	2	2	2	3	2	3	3	2	3
8 - [iknomikə]	4	-	4	4	3	4	4	4	5	4	4	5
9 - [prblcməʃ]	3	3	3	-	3	3	3	3	3	3	3	3
10 - [elɲar]	3	3	3	2	3	2	3	3	3	2	2	3
11 - [lōdrʃ]	1	2	1	2	1	2	2	2	2	2	2	2
12 - [itršēt]	3	4	2	3	2	3	2	4	4	4	4	4
13 - [kpes*]	2	3	2	1	2	3	2	1	3	3	3	3
14 - [smalje]	2	2	3	3	2	2	2	2	4	3	2	4
15 - [ɪdpēdēt̃mēt]	4	5	4	4	4	4	4	4	7	4	4	7
16 - [itr̃včsōʃʃ]	4	4	3	3	3	3	3	4	4	4	4	4
17 - [kōsidresēw̃]	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	4	5
núm. sílabas ↔ núm. vogais	89,7%				92%				94%			

treinado do que o falante comum, e têm também um conhecimento de certos fenómenos fonéticos, ouviram em 26% dos casos uma vogal. As licenciadas (Grupo II) ouviram vogais em 30% dos casos. As outras informantes (Grupo III) ouviram em maior percentagem as vogais que existem apenas a nível fonológico, pois indicaram terem ouvido em 59% dos casos.

Em geral, as vogais inexistentes foram ouvidas, pelas 12 informantes, em 40% dos casos.

Claro que, e como era esperado, a grande diferença entre os grupos I e II e o grupo III só pode ser explicada pelos conhecimentos adquiridos.

Se se observar os valores das sílabas identificadas, pode-se verificar que, e em relação ao Grupo I, em 89,7% dos casos foi estabelecida uma relação directa entre o número de sílabas e o número de vogais. Em relação aos outros dois grupos, o II em 92% dos casos estabeleceu uma relação directa entre o número de sílabas e o número de vogais e o grupo III fê-lo em 94% dos casos.

Tendo em conta os dados obtidos, pode-se afirmar que todas as informantes efectuaram uma reestruturação silábica, pois essa divisão não apresentou normalmente o mesmo número de sílabas da estrutura fonológica.

Em relação à reestruturação silábica, veja-se, por exemplo, as palavras 8 e 15. No caso da palavra 8, cuja estrutura fonológica é /ekonomika/, que corresponde a cinco sílabas, a vogal fonológica /o/ não é produzida, deixando, assim, um núcleo vazio. Pelos resultados obtidos, nenhuma informante considerou que isso fosse possível, pois todas elas fizeram uma reestruturação.

O que parece ser lícito admitir, por muito difícil que o tenha sido até agora, é que há, na realidade, uma reestruturação silábica e que a estrutura de superfície é a que regula a sua divisão, sendo a estrutura fonológica sempre respeitada apenas para a atribuição do acento.

Vejamos agora o exemplo 15. A sua estrutura fonológica é /independentemente/, que corresponde a sete sílabas. Em relação aos resultados obtidos, mais uma vez, as informantes não consideraram, quando não ouviram as vogais (segundo e quinto /e/) que existisse uma sílaba, fizeram, como em todos os casos com queda de vogal, a respectiva reestruturação.

Voltando à observação dos dados, no caso das palavras que segundo as informantes não têm o mesmo número de sílabas e de vogais, é de referir que a informante do Grupo I, cujos dados são apresentados na coluna 3 - Quadro I -, apesar de ter indicado a existência de vogais, considerou-as desvozeadas ou identificou a existência de uma semivogal muito breve e não considerou nenhum dos segmentos como "núcleo silábico" (palavras 2, 3 e 5).

No caso das outras informantes dos grupos I e II, em dois casos (palavras 14 no Grupo I e 13 no Grupo II) consideraram uma consoante fricativa como sendo uma sílaba e nos restantes exemplos estão envolvidas sempre consoantes líquidas.

No Grupo III, a informante cujos valores são apresentados na coluna 2, na palavra 10, identificou uma vogal e considerou-a em posição final de sílaba (ali | nhar). A informante da coluna 4, do Grupo III, considerou, em dois casos (palavras 1 e 7), que existiam sílabas sem vogais e ambas incluíam segmentos fricativos. No caso da palavra 1, associou a consoante oclusiva adjacente à fricativa inicial como fazendo parte da mesma sílaba. O outro exemplo de sílaba sem vogal é a palavra 11 onde se pode encontrar uma consoante fricativa e uma consoante líquida. Note-se que foi com este exemplo que informantes dos três grupos consideraram a existência de uma sílaba sem qualquer vogal.

Esta associação frequente da existência de uma sílaba à existência de uma vogal pode ser a explicação para a sistemática audição, por parte das informantes do Grupo III, de vogais não produzidas. As informantes continuam a ter a percepção das sílabas existentes.

Passando agora para a hipótese que proponho, e quero referir que não passa de uma hipótese que ainda está em estudo, e que está relacionada com a silabidade no português europeu, volto novamente a uma referência inicial onde falava dos enormes grupos consonânticos do português, que podem chegar a atingir cinco consoantes seguidas, em posição inicial, ou se utilizarmos a denominação da fonologia autosegmental, em posição de ataque. Não será provavelmente muito problemático admitir que realmente não é muito normal que isso aconteça.

Mas, se não é normal que cinco consoantes ocorram em ataque silábico e se até agora não se admitiu a existência de consoantes silábicas no português que possam, por si só, sustentar uma sílaba, à exceção de uma hipótese de Delgado Martins *et al* (96) para as fricativas em posição inicial de palavra, ter-se-á que admitir que existem consoantes com características silábicas. Essas características poderão ser a razão da fácil queda de vogais no português.

As consoantes que parece poderem, à partida, sustentar a sílaba seriam as soantes, pois partilham algumas características com as vogais, como seja a apresentação de formantes e a inexistência de um oposito natural desvozeado.

Mas, admitir isto levanta outro problema: se têm características silábicas, então, essas consoantes deveriam sustentar sempre a sílaba. Mais ainda, ter-se-á que ter em conta que as glides também apresentam características idênticas, logo poderiam também sustentar a sílaba, o que não acontece, pois somente ocorrem em núcleo silábico associadas a uma vogal, se se considerar que quando existe um ditongo o núcleo da sílaba é complexo.

Como só nalguns casos é que as consoantes poderão, eventualmente, sustentar a sílaba é necessário admitir que essas características apenas lhes permitem receber a silabidade de uma vogal quando ela cai e quando isso não acontece a vogal é que ocupará o núcleo silábico não percolando assim os seus traços a uma das consoantes receptoras da silabidade que lhe esteja adjacente.

Isto explicará também a impossibilidade das glides não poderem ocupar isoladamente o núcleo silábico, pois não sendo elas silábicas a nível fonológico nunca receberão a silabidade das vogais porque são sempre produzidas "com o seu apoio".

Portanto, ter-se-á de admitir que existe uma escala de silabidade com pelo menos três níveis. Teremos, assim, por um lado, as vogais, que ocuparão o topo da escala. Por outro, teremos as soantes e as fricativas, que serão as "receptoras de silabidade".

Não faço aqui qualquer tipo de referência aos restantes segmentos — oclusivas orais e glides — por considerar que estes segmentos não poderão, de todo, sustentar uma sílaba.

Continuando. As consoantes soantes ocupariam então uma posição abaixo das vogais e as fricativas ficariam abaixo das soantes. A razão por que as frica-

tivas não ficam de fora da possível escala de silabicidade, e numa posição paralela às oclusivas, é baseada nos resultados do teste apresentado. Nalguns casos, as informantes, com e sem conhecimentos de fonética, admitiram sílabas com uma fricativa isolada.

Tomando apenas algumas palavras como exemplo, a sua divisão silábica seria, então, efectuada do seguinte modo:

3 - [prtugal]	→	[pr   tu   gal]
6 - [prsizemêt]	→	[pr   si   ze mêt]
9 - [prblemeʃ]	→	[pr   ble   meʃ]
11 - [lôdrʃ]	→	[lô   drʃ]
12 - [itr̥sēt]	→	[î   tr̥   sēt]
16 - [itr̥vêsõjʃ]	→	[î   tr̥   vês   sõjʃ]

Observando os exemplos apresentados, e comparando-os com outros dos quadros I ou II, pode-se verificar que a percolação dos traços de silabicidade não se efectua sempre. Isso só acontece quando a sílaba seguinte é iniciada por consoante ou a sílaba reestruturada está em posição final de palavra.

Quando a sílaba tem o núcleo preenchido pela vogal, os segmentos soantes mantêm-se, como é óbvio, obrigatoriamente na posição de ataque, pois não recebem silabicidade porque a vogal não os transmite por ser plenamente produzida.

No entanto, nestes casos, esse ataque poderá receber outras consoantes. Isso acontece quando uma consoante não receptora de silabicidade, que pertence à sílaba anterior, “perde” o seu núcleo (ou a informação silábica) e não sustém a sílaba (cf. palavras 2, 4, 5, 8, 13, 15 e 17).

Em relação à palavra 1 — [ʃprjêsv̥] —, tendo em conta os resultados do teste, a divisão silábica seria a seguinte: [ʃprjê | sv̥]. Mas, admitindo que as fricativas possam ser silábicas, e de acordo com outros exemplos do teste — por exemplo a palavra *Somália* [s | ma | ljv̥] (informante da coluna 4 - Grupo I) — e aceitando que a proposta de Delgado Martins *et al* (1996) se venha a confirmar, a sua divisão seria: [ʃ | prjê | sv̥]. O mesmo acontece com as palavras 7 e 14.

Para terminar a observação dos dados, resta o exemplo 10 — alinhar [v̥lɲar] — que com a queda da vogal formou um grupo consonântico com duas consoantes soantes. Neste caso o número de sílabas seria o mesmo da estrutura fonológica, isto é, três: [v̥ | l | ɲar].

Para terminar, apenas quero referir que esta é uma primeira abordagem ao tema e que tem em conta apenas a observação dos dados aqui apresentados. Considero, pois, que é necessário alargar esta análise a outros casos da língua que não foram aqui contemplados, para que esta hipótese tenha alguma validade.

## NOTAS

- <sup>1</sup> *Símbolos utilizados:*  
- palavra não reconhecida  
? considerou a existência e uma vogal muito breve ou desvozeada  
> / < identificou a existência de uma metátese  
\* considerou a existência de um vestígio
- <sup>2</sup> Mestres em Linguística - Área de investigação: fonética e/ou fonologia.
- <sup>3</sup> Licenciadas em Linguística
- <sup>4</sup> Licenciadas sem conhecimento de linguística.
- <sup>5</sup> Os números sublinhados indicam os casos em que não houve uma relação directa entre o número de sílabas e o número de vogais.

## BIBLIOGRAFIA

- DELGADO MARTINS, Maria Raquel; HARMEGNIES, Bernard; POCH, Dolores - (1996), "Change-ment Phonétique en cours du Portuguais Européen", *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa 1995*, Volume III: Gramática e Vária, Lisboa: APL.
- MATEUS, Maria Helena; ANDRADE, Ernesto d' - (1996), "La structure de la syllabe en portugais" (comunicação), *The Phonology of the World's Languages: The Syllable*, OUP - Pezenas.